

## ESTUDO ENUNCIATIVO DA DESIGNAÇÃO DA EXPRESSÃO *LÍNGUAJAR GAÚCHO* NA OBRA DE DANTE DE LAYTANO: REFLEXÃO SOBRE A NOÇÃO DE ACONTECIMENTO

Juliane Tatsch<sup>1</sup>

### 1. Considerações iniciais

Apresentamos neste trabalho, um recorte sobre o estudo enunciativo da expressão “linguajar gaúcho” na obra de Dante de Laytano (1981), de modo a especificar que significação é atribuída às diferentes designações utilizadas pelo autor para especificar e definir a língua falada no Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, desenvolvemos uma reflexão a partir do dispositivo teórico e analítico da Semântica do Acontecimento, conforme ela é trabalhada pelo linguista Eduardo Guimarães (2005) no livro: *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Tomando alguns dos conceitos trabalhados pelo autor nesse texto, compreende-se o modo como a designação da expressão “linguajar gaúcho” é construída e significada na obra que constitui o corpus de pesquisa. O foco, então, está justamente no modo como a significação dessa expressão está dividida e agenciada politicamente no acontecimento em que ocorre.

Para verificar de que modo a significação é construída nas designações atribuídas ao linguajar gaúcho, a partir da obra de Laytano (1981), utilizou-se como metodologia o funcionamento da reescrituração, procedimento analítico da Semântica do Acontecimento, de modo a recuperar alguns dos sentidos atribuídos a este linguajar.

Ao dizermos que um enunciado significa no texto, entendemos o texto como um acontecimento enunciativo. Em cada acontecimento, uma mesma palavra pode significar coisas diferentes. No funcionamento do texto temos algo que é reescriturado, algo que é retomado no texto, ou melhor, re-significado, re-dito. Assim, analisamos a designação “linguajar gaúcho” na obra *O Linguajar do Gaúcho Brasileiro*, elegendo como materialidade de análise o processo de designação, tomando como foco a questão do acontecimento.

### 2. Reescrituras para a expressão “linguajar gaúcho”

Na análise da expressão “linguajar gaúcho” utilizamos o mecanismo da reescrituração a qual, segundo Guimarães (2005, p. 46) “[...] consiste em se redizer o que já foi dito. Ou seja, uma expressão linguística reporta-se a uma outra por algum aspecto que as relaciona no texto integrado pelos enunciados em que ambas estão”. Ainda, segundo este autor, trata-se de um modo de construir o sentido para uma determinada palavra. Os sentidos são produzidos pela constituição de discursos sobre a língua do gaúcho.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos, UFSM.

Para verificar de que modo os sentidos são construídos, nas designações atribuídas ao “linguajar gaúcho”, a partir da obra de Laytano (1981), utilizamos o procedimento da reescritura. Buscamos explicitar alguns dos sentidos atribuídos à expressão “linguajar gaúcho”, analisada segundo as designações sobre a língua que constitui este linguajar.

A reescrituração, dessa forma, pode ser considerada como um dos procedimentos de interpretação, quando o acontecimento enunciativo é posto em funcionamento, na língua.

O quadro abaixo evidencia esse procedimento, na obra analisada:

<b>O LINGUAJAR DO GAÚCHO BRASILEIRO (1981)</b>
“dialeto gaúcho” (p. 13, 178, 181, 183)
“falar do gaúcho brasileiro” (p. 21)
“linguagem do gaúcho” (p. 24, 45, 98)
“nosso dialeto” (p. 41)
“linguajar (do) gaúcho” (p. 41, 46, 51, 52, 117, 121)
“língua (agem) popular gaúcha” (p. 46, 47)
“linguagem gaúcha” (p. 61, 96)
“linguajar do gaúcho brasileiro” (p. 18, 49)
“fala (r) do gaúcho” (p. 63, 75, 119, 144)
“dialeto sul-rio-grandense” (p. 182)
“língua atual do gaúcho” (p. 42)
“português falado no Rio Grande” (p. 50)
“linguagem do Rio Grande” (p. 96)
“linguajar rio-grandense” (p. 120)
“linguagem do gaúcho brasileiro” (p. 75)
“falar dialetal do gaúcho brasileiro” (p. 109)
“língua portuguesa falada no Rio Grande do Sul” (p. 16)

**Quadro 01: Reescrituras para o “linguajar gaúcho”.**

Observamos que estas formas linguísticas se configuram diferentemente: língua, linguagem, dialeto, fala(r) e linguajar – e fazem surgir outras designações, por meio de predicções diferentes. Tais predicções, quando retomadas, aparecem para reafirmar a procedência do linguajar do gaúcho brasileiro. Em realidade, essas designações de Laytano remetem a um período mais histórico que reflete a pesquisa sobre o falar do gaúcho desenvolvida por este regionalista e que assumem um caráter precursor a respeito dos estudos sobre as variedades da língua portuguesa.

Consideramos as seqüências enunciativas a seguir, pelo fato de cada uma formar um conjunto de significação, ou seja, cada seqüência enunciativa é uma enunciação nova e constitui um acontecimento na linguagem. Dentre as designações apontadas na obra de Laytano, foram selecionadas seis reescrituras (tomadas como seqüências enunciativas - SE) para a expressão “linguajar gaúcho” que consideramos mais recorrentes na obra.

**SE 01:** “Quando se fala da influência brasileira no **linguajar gaúcho**, temos em vista salientar aspectos históricos de grande importância: a penetração, a conquista e a colonização [...]. Claro que estávamos em pleno começo da vida do Rio Grande, para já se falar em influências, uma vez que esses elementos foram os primeiros, cabendo a eles a tarefa do desenvolvimento do território, mas sua presença deixou marcas precisas e definitivas, que se refletiram na progressiva formação do **linguajar gaúcho**”. (1981, p. 41). [grifo nosso]

Nesta seqüência enunciativa a expressão “linguajar gaúcho” aparece reescriturada por meio da repetição, que remete as influências sobre a procedência desse linguajar a um conjunto de variáveis sócio-históricas, que reforçam a origem e a constituição desse linguajar. Elementos que remetem ao início do povoamento do Rio Grande do Sul.

**SE 02:** “As relações entre os vocábulos arcaicos e a **linguagem dos gaúchos** tem sido aqui e ali apontadas [...]. Walter Spalding, num interessante trabalho – *Arcaísmos portugueses na linguagem popular do Rio Grande do Sul* defende, em detalhado estudo, a tese de que os arcaísmos da **linguagem do gaúcho** são provenientes dos Açores e argumenta” (1981, p. 45). [grifo nosso]

Aqui, a reescritura “linguagem dos gaúchos” faz referência à influência açoriana conservada no linguajar gaúcho e a relaciona ao estudo sobre a língua dialetal desenvolvido por Walter Spalding ao pesquisar o modo de falar e expressar-se do gaúcho, o que resultou na produção e divulgação do conhecimento através de uma obra de referência para o quadro da língua portuguesa falado no Rio Grande do Sul.

**SE 03:** “A influência espanhola, vinda pelo Rio da Prata, no **linguajar do gaúcho brasileiro**, é uma consequência sociológica, não só de áreas comuns, fronteiras geográficas e tipo idêntico de atividades econômicas, mas de relações humanas e históricas muito intensas” (1981, p. 49). [grifo nosso]

A designação “linguajar gaúcho” é reescrita por “linguajar do gaúcho brasileiro” aludindo a elementos de natureza historiográfica que indicam uma forte vinculação platina e que referem à influência espanhola, mais precisamente, a hispano-rio-platense no linguajar do gaúcho. A língua significa, portanto, na sua relação com a história (Orlandi, 1996). Evidencia-se a formação sócio-histórica do Estado marcada pelo território de fronteira. Essa reescrituração produz uma especificação que determina esse linguajar.

**SE 04:** “Apreciando, em síntese, os elementos que formaram o **dialeto gaúcho**, além do português arcaizado ou dialetal, encontramos-nos diante do castelhano, língua espanhola da América, e do guarani, linguagem dos nossos habitantes pré-colombianos” (1981, p. 178). [grifo nosso]

A reescritura “dialeto gaúcho” caracteriza esse linguajar por observação das influências registradas na constituição do linguajar gaúcho, dando ênfase para o espanhol e para o guarani em relação à formação inicial do gaúcho.

**SE 05:** “Afirma que o **falar do gaúcho** constitui uma linguagem notável, pelo cunho original e pitoresco que a distingue da empregada nos outros Estados do Brasil” (1981, p. 119). [grifo nosso]

O “falar do gaúcho” reescreve o “linguajar gaúcho” por substituição, designando-o e caracterizando-o. O que remete ao leitor para que se conheça e aprecie melhor a notável linguagem gaúcha. Há outros sentidos derivando desse linguajar.

**SE 06:** “A pesquisa do **falar do gaúcho brasileiro** abebera-se nas mais variadas fontes escritas ou orais, que, entretanto jamais foram sistematicamente reunidas ou examinadas em conjunto” (1981, p. 21). [grifo nosso]

Ao designar “falar do gaúcho brasileiro”, Laytano (1981) indica a identidade e a procedência desse linguajar, justificada pelo estudo de fontes orais ou escritas, que, reunidas na obra, abrem uma nova perspectiva em relação à problemática da análise do falar gaúcho, o que permite ao autor apresentar um quadro da Língua Portuguesa falada no Rio Grande do Sul.

As reescrituras para o “linguajar gaúcho” produzem uma especificação que determina esse linguajar. Nesse sentido, a designação desse linguajar, caracterizado por Laytano (1981) no espaço de enunciação da língua portuguesa estabelece uma relação de poder com esta, resultando nas reescrituras anteriormente recortadas. Portanto, o “linguajar gaúcho” significa por aquilo que designa. Uma significação particular e regional.

As designações expressas nas sequências enunciativas significam no acontecimento de linguagem em que funcionam na medida em que abrem novas perspectivas, consubstanciam hipóteses, imprimem outros sentidos para os estudos dialetológicos que então começavam a surgir no Rio Grande, trazendo subsídios para os registros da própria língua portuguesa falada no Brasil.

Conforme já afirmado, a significação constitui-se discursivamente a partir de um acontecimento enunciativo. A entrada do acontecimento produz no campo da semântica uma concepção histórica da linguagem, de modo a fazer com que se pense a atuação da história no interior desse acontecimento. Enfim, analisar o acontecimento como afetado pela história é analisá-lo como estando afetado pelos cruzamentos de discursos, ou falas e dizeres diversos, em uma relação com as condições sociais que definem a existência de todos esses dizeres.

Este espaço procura se apresentar a partir da consideração de que a significação é histórica, não no sentido temporal, historiográfico, mas no sentido de que a significação é determinada pelas condições sociais de sua existência. Sua materialidade é essa historicidade. A construção desta concepção de significação se faz para nós na medida em que consideramos que o sentido deve ser tratado como discursivo e definido a partir do acontecimento enunciativo (GUIMARÃES, 2010, p. 66).

As reescrituras observadas nas sequências enunciativas destacadas configuram o espaço de enunciação em que a significação é produzida pela constituição de discursos sobre o linguajar

gaúcho. Essas reescrituras produzem um dizer que se instaura no acontecimento enunciativo da linguagem.

Neste momento, é necessário especificar e definir qual designação adotaremos para a língua portuguesa falada no Rio Grande do Sul. Trata-se de uma noção que revela elementos de um espaço simbólico e territorialmente marcado pela diferença.

Para esta reflexão escolhemos o verbete “linguagem gauchesca”, lugar de constituição de uma noção de língua imbricada à noção de sujeito, como forma de designar a então língua falada pelo sujeito gaúcho.

**LINGUAGEM GAUCHESCA**, s. Português falado pelos gaúchos da zona pastoril do Rio Grande do Sul, ao qual se agregaram elementos uruguaios, argentinos, paraguaios, guaranis, tupis, quíchuas, araucanos, áfricos e de várias procedências. (V. *Poesia Gauchesca*). (*Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, p. 266).

Para Petri (2009),

[...] a presença do substantivo *linguagem* sendo determinado pelo adjetivo *gauchesca*, definido como o que é relativo ao gaúcho. A utilização de *linguagem*, numa concepção geral e abrangente, aqui tem, pelo menos, dois funcionamentos na produção dos sentidos:

- a) ao dizer *linguagem* não se está dizendo nem *língua* (o que poderia remeter à nação, ao povo, bem como à gramática, à bandeira), nem se está dizendo dialeto (o que se poderia remeter à variedade regional, parte de uma outra língua);
- b) *linguagem* remete à comunicação, a vocabulário, embora possa remeter também ao que é próprio de um indivíduo ou de um grupo social, sobretudo se estiver na forma escrita.

Observamos que este português falado no Rio Grande do Sul, é popular, é diferente da Língua Portuguesa em sua forma erudita, em suas normas cultas, ele não é “puro”, pois a ele “se agregaram [no passado] elementos uruguaios, argentinos, paraguaios, guaranis, tupis, quíchuas, araucanos, áfricos e de várias procedências, resultado do contato entre diferentes grupos sociais ou étnicos” (PETRI, *Ibid.*).

Na verdade, retomamos aqui a pergunta feita por Petri (2009), que coloca a seguinte questão:

Podemos dizer que há uma língua regional do sul do Brasil? Para responder a esta questão é preciso considerar que há um sujeito que é nomeado gaúcho e que é definido como aquele que “nasce no” ou “habita o” estado do Rio Grande do Sul; bem como é preciso considerar que existem modos de identificação constitutivos da fala deste gaúcho, sejam eles de ordem lexical, fonética, sintática; sejam eles de ordem semântica; pois ampliam-se, neste espaço, os modos de ressonância dos processos de produção de sentidos. Assim, tomamos a noção de sujeito atrelada à de falante e “os falantes são estas pessoas enquanto determinadas pelas línguas que falam (...). São sujeitos da língua enquanto constituídos por este espaço de línguas e falantes” (GUIMARÃES, 2003, p. 10).

Face ao exposto, a linguagem gauchesca se significa na linguagem de uma cultura, de um modo de ser e viver, de uma produção cultural com gêneros e estilos próprios que produz um efeito de sentido que fortalece a figura tradicional do gaúcho.

### 3. Para finalizar

A análise da designação da expressão “linguajar gaúcho” em Dante de Laytano (1981) teve por objetivo destacar o modo como essa expressão significa nesse acontecimento enunciativo, pelo seu funcionamento.

A obra em questão afeta a língua na medida em que organiza um conhecimento e propõe uma nova perspectiva de pensar esse linguajar. Assim, a obra de Laytano rompe com a produção que até então havia sido feita na área da dialetologia regional e produz um conhecimento novo sobre a língua, a partir da organização dos espaços de produção linguística da época. Essas designações, pelos estudos de Laytano, produzem um acontecimento para a linguística no Sul do Brasil. Tem-se então, a origem de uma produção de conhecimento linguístico a respeito do falar regional.

Desta maneira, podemos dizer que este “linguajar” caracteriza-se por inaugurar um novo modo de dizer e significar o Rio Grande do Sul, resultando na produção de diferentes modos de dizer que foram constituindo outra materialidade linguística com seus diferentes discursos e diferentes modos de significar. Diríamos, assim, que cada palavra tem um sentido a priori, mas o que vai determiná-lo é como se coloca para funcionar e, por esse modo de funcionar, significa.

Esse linguajar, que designamos por *linguagem gauchesca*, é constitutivo da identidade desse sujeito gaúcho e o significa a partir de sua existência e de seu funcionamento. Relação identitária que é significada na língua. Língua que é constitutiva desse sujeito nas suas relações sociais.

Nesse sentido, as palavras são afetadas pelo acontecimento onde se inscrevem num constante movimento de sentidos. Pelo que podemos inferir que:

- As palavras significam somente quando funcionam;
- Para Guimarães o sentido não está na língua, mas seu funcionamento;
- O sentido é produzido pelo acontecimento de linguagem;

Como diz Oliven (2000, p. 169), “todos esses processos envolvem atribuição de significados às ações humanas, a descoberta de diferenças, a apropriação e reelaboração de manifestações culturais, a ressemantização, etc”.

O linguajar gaúcho, tal como se representa nos estudos de Laytano (1981), é dizer e significar o Rio Grande do Sul, especialmente pela língua, resultando em um conhecimento sobre a variedade linguística do português brasileiro, caracterizado pelo tom regional a ele agregado. Desse ponto de vista, percebe-se que as reescrituras demarcadas no presente artigo significam pela história e pela língua, atreladas a um sentimento de pertencimento a um lugar, a uma cultura, a um modo de ser.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENVENISTE, Émile. *O aparelho formal da enunciação*. In: \_\_\_\_\_. Problemas de linguística geral II. Campinas, SP: Pontes, [1970] 2006, p. 81-92.

GOMES, Neiva Maria Tebaldi. Perspectiva benvenistiana de língua: considerações iniciais para pensar uma interface com a linguística aplicada ao ensino. In: *Revista Letras - n.º. 33 – Émile Benveniste: Interfaces, Enunciação e Discursos*. Santa Maria: PPGL-Editores/UFSM, 2006.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. São Paulo, Campinas: Pontes, 2010.

\_\_\_\_\_. Enunciação e políticas de línguas no Brasil. In: *Revista Letras – Espaço de circulação da linguagem*, n.º. 27, jul./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. São Paulo, Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *A marca do nome*. Revista *RUA*, n.º 9. Campinas, SP: Unicamp, p. 19-31, 2003.

\_\_\_\_\_. *Enunciação, língua, memória*. Revista da ANPOLL, n.º. 02, p. 27-33, 1996.

LAYTANO, Dante de. *O linguajar do gaúcho brasileiro*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brides, 1981.

MICHELETTI, Guaraciaba. *Enunciação e gêneros discursivos*. São Paulo: Cortez, 2008.

NUNES, R. C.; NUNES, Z. C. *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

OLIVEN, Ruben George. *Modernidade e identidade nacional*. In: KERN, A. A. (Org.). *Sociedades ibero-americanas*. Porto Alegre: Editora PUCRS, 2000, p. 153-169). Reflexões e pesquisas recentes.

ORLANDI, Eni. *Discurso e texto: formação e circulação de sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 1996.

PETRI, Verli. *Reflexões acerca do funcionamento das noções de língua e de sujeito no Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. In: *Revista Língua e Instrumentos Linguísticos*, n. 23. Campinas SP: RG Editora, 2009.